

# POR TRÁS DA LITURGIA

## Uma leitura do salmo 134

O mundo do dia a dia, “sacro ou profano” está impregnado de afirmações verbais, elaborações simbólicas grávidas de sentido, originadas de lugares diferentes. Brotam do meio popular como sinal de resistência, mas brotam também do seio de alguns privilegiados; do mundo dos oprimidos, mas também daquele dos opressores, dos explorados e exploradores... Contudo, apesar da grande diferença, todas apresentam o mesmo mecanismo, ligado à estrutura antropológica e social do homem e da mulher. Existe uma “dúplice” dinâmica: de um lado a afirmação verbal esconde em si e reflete ao mesmo tempo a sociedade ou grupo que a elaborou e produziu; do outro lado as afirmações influem nos receptores. A partir deste enfoque será abordado o salmo 134. Na perspectiva dos oprimidos vamos desmontar o texto, em busca não só do sentido explícito, mas também do escondido.

### 1. O TEXTO

- 1 Canto das subidas.  
*Eis, bendizei a Javé todos servos de Javé*  
*Aqueles que moram na casa de Javé durante a noite*
- 2 *Levantai vossas mãos para o santuário e bendizei a Javé*
- 3 *Abençoe-te Javé lá de Sião aquele que fez o céu e a terra*

### 2. ESTUDO DAS PALAVRAS

**SERVOS DE JAVÉ.** São comumente os israelitas observantes e fiéis a Javé (2Rs 9,7; 10,23; Ne 1,10; Is 65,8), mas como se afirma que estão na casa de Javé a expressão indica mais a função oficial (Dt 10,8; Ne 12,44). Aqui parece mais provável tratar-se de sacerdotes e levitas. O versículo 3 confirma isso: é uma pequena bên-

ção sacerdotal. Do grupo dos levitas, que constitui o grupo dos “cantores”, se diz em 1Cr 9,33 que *moravam nos apartamentos do Templo, isentos de outras funções, para exercerem a sua dia e noite* e em 1Cr 23,30 afirma-se que os levitas tinham que se apresentar diariamente, manhã e tarde, para celebrar e bendizer a Javé. Fontes tardias atestam a existência de um canto noturno de salmos, feito pelos sacerdotes ou levitas, somente em ocasião da festa dos Tabernáculos.<sup>1</sup> No v.3 parece que o sacerdote celebrante se dirige diretamente à comunidade e abençoa de maneira semelhante à grande bênção sacerdotal de Nm 6,24ss.

**BENDIZER.** A expressão usada para a bênção sacerdotal com o emprego do nome de Javé significa que é o mesmo Javé que abençoa seu povo. A concepção segundo a qual o dar a bênção é privilégio exclusivo dos sacerdotes encontra-se em épocas tardias do Antigo Testamento (Dt 21,5; 2Cr 30,27; Dt 10,8 e 21,5).

**CASA DE JAVÉ.** O termo casa, “behit”, unido ao nome de Deus habitualmente designa um templo, mas geralmente se refere ao Templo de Jerusalém. Como sinônimos encontram-se “hekal”, que porém também pode significar o espaço principal do Templo em oposição ao átrio e ao Santo dos Santos, e as expressões mais gerais como “qôdesh e miqdâsh” (santuário).<sup>2</sup>

**SANTUÁRIO.** O termo “qôdesh” apresenta uma grande quantidade de possíveis sentidos. Neste caso foi escolhida como melhor tradução o termo santuário pela lógica do salmo e pelo fato de ser um sinônimo da palavra “behit”.

**SIÃO.** Designa Jerusalém como cidade de Javé, a morada do mesmo Javé, ou seja o Templo. Aí Javé mora e tem seu trono. Daí se impetra a benção sobre a terra. No salmo 87,5 afirma-se que Javé criou o monte Sião. A criação do monte Sião e a do universo têm que ser entendidas como único acontecimento; ambas usam os mesmos verbos, que tem a mesma origem no vocabulário cananeu. Também a idéia de que o Templo seja o centro do cosmo não é tipicamente israelita. Realeza, templo, criação, montanha cósmica são elementos de uma mesma concepção também na Mesopotâmia.

Sobre Sião Israel celebra o culto a Javé. Aqui se podem contemplar as ações divinas (Sl 84,8) e aqui Israel levanta seu louvor a Javé (Sl 65,2; 97,8; 147,12). Em vários Salmos (132; 48,13) se fala de uma procissão para Jerusalém.<sup>3</sup>

**CÉU E TERRA.** No seu sentido geral os dois termos juntos significam mundo, cosmo. A referência a Javé “*que fez o céu e a terra*” elimina qualquer pretensão sagrada autônoma e lhe confere o status de obra de Deus. Reflete a oposição à ideologia babilônica, que sacralizava toda sua estrutura opressora a partir de divindades ligadas ao céu.<sup>4</sup>

1. Cfr. Alfonso DUSSLER, *Los Salmos*. Florida, Paulinas, 1966.

2. Cfr. Ernst JENNI e C. WESTERMANN, *Dizionario teologico dell'Antico Testamento*. Casale Monferrato, Marietti, 1982.

3. *Ibidem*, pp. 489-496

4. *Ibidem*, pp. 871-875.

### 3. ANÁLISE DO TEXTO

O salmo 134 é o último da coleção dos “Cantos das subidas” ou “Salmos graduais” (120-134), ou seja um conjunto de salmos de épocas diferentes reunidos nesta moldura literária. São assim chamados porque eram usados pelos que “subiam” ao Templo em peregrinação nas três grandes festas do ano litúrgico<sup>5</sup> (Cf. Ex 23,17; Dt 16,12). Segundo outros, estes cantos teriam sido proclamados pelos levitas sobre os 15 degraus que se devia subir para ter acesso ao átrio dos israelitas no Templo.<sup>6</sup> Todos estes salmos são introduzidos pela mesma fórmula literária, “cantos das subidas”, obra do redator final que ajuntou este material.

5. Peter F. ELLIS, *Os salmos graduais*. Em *O homem e a mensagem do Antigo Testamento*. Aparecida, Santuário, 1985.  
6. *Salmos das Subidas*, em *Enciclopedia de la Biblia*, vol.VI. Barcelona, Garriga, 1964.

O salmo pode ser dividido em dois blocos: vv.1b-2 e v.3. Começa com um advérbio exortativo, “eis”, que convida “os servos de Javé” a bendizer a Javé.

O primeiro trecho (1b-2) começa e fecha com a mesma fórmula literária (“bendize a Javé”), com o mesmo tempo do verbo no imperativo e o mesmo sujeito. O resultado é uma unidade, seja no nível formal como no conteúdo (convite à bênção). No bojo do texto se encontra a explicação do convite à bênção: os protagonistas são os “servos de Javé”, o período do dia é “ao longo da noite” e a modalidade é o “levantar as mãos” na direção do santuário.

Apesar de ser uma unidade independente, completa em si mesma, a primeira parte dá espaço a uma complementação, ou seja o versículo 3. Aqui muda o sujeito e a pessoa do verbo. Antes o convite à bênção era dirigido a um grupo, agora a resposta é referida a um indivíduo, dando a impressão que a primeira parte foi proferida por um único sujeito.

Numa visão de conjunto percebem-se algumas palavras-chaves, no miolo do salmo, que dão coesão superando a divisão em convite à bênção e resposta. A progressiva e concêntrica posição destes termos (casa, santuário, Sião) provoca uma centralização na palavra Sião, a última do grupo. O ápice do salmo, alcançado na palavra Sião, é reforçado pela bênção divina que está ligada a este lugar.

|                |                 |           |                 |
|----------------|-----------------|-----------|-----------------|
| Servos de Javé |                 |           | bendizei a Javé |
|                | que moram       | CASA      | de Javé         |
|                | levantai...mãos | SANTUÁRIO | bendizei a Javé |
|                | abençoa-te      | SIÃO      | Javé            |

### 4. A CONJUNTURA E OS GRUPOS QUE ESTÃO POR TRÁS DO TEXTO

A partir da estrutura literária percebe-se um convite e uma resposta. Podemos fazer a hipótese que existem pelo menos



dois grupos por trás delas, sendo que um faz o convite ou pedido e outro responde.

Muitos salmos, quase dois terços dos hinos e preces preservadas no saltério, foram compostos no período pós-exílico. Os cantos das subidas, como coleção, pertence a este período. Por esta razão é indispensável voltar à organização do segundo Templo para descobrir os grupos que se escondem atrás das duas partes.

O período pós-exílico, caracterizado pela volta e reconstrução do Templo, está dentro de um programa de domínio do poder persa. Diferentemente dos assírios e babilônios, que procuravam destruir ou desarticular os elementos religiosos dos povos dominados, os persas agiam de maneira diferente: incentivavam a religião, a tradição e a organização dos povos dominados. Ao mesmo tempo exerciam uma cuidadosa vigilância para que não se misturasse o elemento político com o religioso. Favoreciam uma tradição religiosa forte dirigida por uma classe conivente com o seu programa. Portanto, reservavam a administração do culto para os sacerdotes, exercendo controle sobre o povo dominado e revertendo as tentativas de independência política e econômica. Assim aparentemente a Judéia conservou sua autonomia religiosa, sob o poder da casta sacerdotal. Mas, na verdade, esse poder religioso era também político, precisamente porque a "Lei" judia, reconhecida pelos conquistadores, regulamentava minuciosamente a produção, a circulação e o consumo dos produtos nos três níveis: econômico, político e ideológico.<sup>7</sup>

É por isso que surgiu uma classe de sacerdotes (no período pós-exílico, entre os anos 538 e 398 a.C.), com a preocupação de manter as diretrizes do rei, do qual recebiam grandes auxílios, para a manutenção do culto. Os sacerdotes tentaram preservar a identidade do povo de maneira drástica: observância fiel das tradições religiosas, culto e pureza da "raça".

Outro grupo que buscou participação no culto é o dos levitas, que desde épocas antigas (período tribal, 1250-1050 a.C.) exerceram a função de manter vivo o ideal do projeto de Javé (a construção de uma sociedade igualitária e fraterna). Estes, que no princípio, celebravam em pequenos santuários locais, se haviam transformado — na linha da reforma que exigia a unicidade do santuário — em adjuntos dos sacerdotes, serviços de menor importância do Templo de Jerusalém.

Nesta época o Templo se tornou o centro único. No reino de Judá o país era governado pelo palácio, enquanto o Templo estava ao seu lado. Agora não há mais palácio. A comunidade se reúne em torno do Templo. Por isso, a estrutura da comunidade é completamente outra. A autoridade mais alta passa para o grande sacerdote do Templo, que recebe o título de "sumo sacerdote". A partir deste período o sacerdócio se apro-

7. Cfr. Michel CLÉVENOT, *A casta sacerdotal, o documento P e o sistema de pureza*. Em *Enfoques materialistas da Bíblia*, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979, pp. 53-58.

pria dos poderes, dos altos cargos, na medida em que os governos dos grandes impérios o permite. Ao lado das insígnias sacerdotais, também se encontram as reais.

O segundo Templo não continha mais a arca da aliança com as tábuas da Lei, mas era a morada de Deus no meio de seu povo; era o centro das grandes festas e peregrinações.

A partir de tudo isso surgem duas hipóteses para explicar quem está por trás do salmo. Primeira: os peregrinos, ou os levitas em seu nome, proclamariam a primeira parte na hora da despedida e os sacerdotes responderiam com o último versículo, transmitindo a benção de Deus.<sup>8</sup> Segunda: ao anoitecer acontece a troca de turno dos sacerdotes que estão no Templo. Os que terminam o serviço convidam os que iniciam a bendizer a Javé durante a noite e estes se fazem mediadores da benção de Javé.<sup>9</sup> O mais provável, porém, é que o salmo 134 tinha sido usado nas peregrinações a Jerusalém por ocasião das grandes festas. Sendo o último da coleção dos “cantos das subidas” encerra as romarias com a benção sacerdotal. Mais ainda, os salmos 121, 124, 134 formam a grande moldura da caminhada, e o salmo 134 constitui o momento final.

8. Cfr. Marcos BARBOSA, *Os Salmos*. São Paulo, Loyola, 1978; A. GONZALEZ, *El libro de los Salmos*. Barcelona, Herder, 1960; Domingos ZAMAGNA, *O Salmo 132*. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, n.23, Vozes-Metodista-Sinodal, 1989.

9. Cfr. Peter F. ELLIS, op. cit.; D. Bento José PICKEL, *Os Salmos*. São Paulo, Benedetina, 1947; Leonel FRANCA, *Livro dos Salmos*. Rio de Janeiro, Agir, 1947; *Enciclopedia de la Biblia*, vol. VI.

## 5. A TEOLOGIA DO SALMO 134

Por trás de cada liturgia existe uma constatação teológica e ideológica. Analisando a forma e o conteúdo do salmo 134, encontra-se a teologia que pode ser sintetizada nos seguintes elementos:

**SIÃO, LUGAR DE BENÇÃO.** A escolha e disposição das palavras “casa, santuário, Sião” parte de uma categoria mais comum (casa) e vai se especificando (santuário) até se fechar num único lugar (Sião): centro e origem da benção.

Tal estrutura sacraliza tanto o local (geográfico e administrativo), como os mediadores da bênção. A importância de Jerusalém e do seu Templo são justificados por esta teologia. Com esta sacralização escondem-se os mecanismos de opressão e passam a ser chamados de lugar de onde provêm a bênção. Profetas como Malaquias (2,1-9) percebem isso e denunciam a classe sacerdotal e levita que são coniventes com este sistema.

**“PROFISSIONALIZAÇÃO” DO CULTO.** Ao longo da história de Israel o culto passou por um progressivo processo de especialização até chegar à época do segundo Templo onde o culto é dirigido exclusivamente pelos sacerdotes e levitas. Os vários santuários foram substituídos por um único santuário: Sião. A compreensão de um Javé que não está preso a um lugar muda para um Javé de uma morada específica. Com esta cosmovisão se fez necessário um grupo especializado para administrar a bênção. O povo perde a espontaneidade e torna-se mais objeto, espectador



que sujeito. Com a especialização do culto os peregrinos que vão a Jerusalém não têm a familiaridade de pedir a bênção diretamente a Javé. Por isso pedem (v.1) aos sacerdotes para que eles intercedam e usem a sua sacralidade para intermediar a bênção.

O *ROSTO DE DEUS*. Javé é o grande sujeito deste salmo. Aparece cinco vezes em três versículos. Ele é o “proprietário” dos “servos e da casa”, tem a posse porque é aquele que “fez o céu e a terra”.

A concepção de um Deus criador é uma tradição posterior na história de Israel, que tem suas raízes na época do exílio na Babilônia ( 586-538 a.C.). A expressão que revela Deus como o autor do céu e da terra celebra o ato criador de Deus como afirmação contra os ídolos e com base de esperança histórica dos exilados. O salmo 134 expressa Deus vivo, pelo ato de criar e de abençoar e assim assegurar o futuro de história do seu povo. Se por um lado esta afirmação é uma forma de resistência contra os ídolos da Babilônia, por outro lado a estrutura do salmo mascara um outro ídolo, o Javé manipulado por um grupo: a classe sacerdotal dominante.

Está presente também a imagem de um Deus retributivo: “*bendizei a Javé para que Ele abençoe*”.

## 7. LITURGIA: REFORÇO DO PODER?

A familiaridade com o salmo 134 faz que passem despercebidas as profundas e diferentes implicações que esconde. Percebemos que por trás desta liturgia existem interesses ligados a um lugar, uma classe. Com o tempo os fiéis acabam introjetando o conteúdo de forma inconsciente, que passa a fazer parte do seu referencial espiritual e vivencial. O Templo de Jerusalém para os fiéis distantes se torna o verdadeiro centro do universo religioso, de grande dignidade e autoridade, lugar privilegiado da presença de Deus.

Isso vai-se perpetuando até os nossos dias. Muda o contexto, os nomes... A referência não é mais Sião, o Templo de Jerusalém, mas os mecanismos continuam: existe um lugar e um grupo sagrado referencial privilegiado. Tal grupo estabelece e controla as formas de produção litúrgicas legitimando e reforçando seus interesses.

Ao lado desta tendência manipuladora, existe uma experiência minoritária de resistência, muitas vezes pisada, desprezada e considerada sem fundamentos. É a vida do povo celebrada de forma espontânea, tornando-se oração, dança, canto, as mais variadas formas de liturgia. Seu conteúdo e modalidades não visam centralizar o poder num grupo, mas podem se tornar momentos de comunhão e participação, encarnados na vida dos fiéis.

Com isso não podemos cair em uma visão idealista, minimizando as deficiências que nesta religiosidade se podem esconder. Contudo apesar disso, é uma liturgia que possibilita maior participação dos fiéis, que não estão preocupados em defender a ideologia do poder, mas em celebrar os acontecimentos da vida. Neste espírito concluímos colocando um salmo que não pertence à liturgia oficial, mas que não deixa de ser uma forma de “*bendizer a Javé*”:<sup>10</sup>

10. Este “salmo” se encontra em *ESTUDOS BÍBLICOS*, n.28, Petrópolis, Vozes-Metodista-Sinodal, 1990, pp.29-30.

Que o povo fosse uma roça  
Quem me dera! Quem me dera!  
Mas roça virou canavial  
e pasto pra animal.

Se o povo fosse uma roça  
o açúcar pra nós não amargava como fel  
a gente adoçava a vida  
que nem na Bíblia: leite e mel!  
Fruta e verdura  
inhame e feijão  
uma bonança, a plantação!

Pasto pra animal  
roça-canavial  
vida de agricultor.  
Pasto pra animal  
roça-canavial  
vida de agricultor  
com trator em cima  
que horror!

Bicho feroz  
bote de onça  
surucucu peçonhenta  
a gente enfrenta.  
É o ajuntador de terra  
homem amargoso, de fel...

Um dia (possa ser)  
o pasto e a cana  
volte a ser roça  
roceiro sem canga na testa  
assim será a roça uma festa  
uma mesa de fartura  
uma ceia segura  
o povo-roça se abrindo  
e nosso Deus se rindo!

(De um poeta agricultor)

## BIBLIOGRAFIA

- BALANCIN, Euclides M., *História do povo de Deus*. São Paulo, Paulinas, 1989.
- BARBOSA, Marcos, *Os Salmos*. S.Paulo, Loyola, 1978.
- CAZZELES, Henri, *História Política de Israel*. São Paulo, Paulinas, 1986.
- CLÉVENOT, Michel, *Enfoques materialistas da Bíblia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- DUSSLER, Alfonso, *Los Salmos*, Florida, Paulinas, 1966.
- ELLIS, Peter F., *O homem e a mensagem do Antigo Testamento*. Aparecida, Santuário, 1985.
- ENCICLOPEDIA de la Biblia. vol. VI, Barcelona, Garrija, 1964.
- ESTUDOS Bíblicos n. 28. Petrópolis, Vozes-Metodista-Sinodal, 1990.
- FRANCA, Leonel, *Livro dos Salmos*. Rio de Janeiro, Agir, 1947.
- GONZALEZ, A., *El libro de los Salmos*. Barcelona, Herder, 1960.
- GOTTWALD, Norman K., *Introdução socioliterária à Bíblia hebráica*. São Paulo, Paulinas, 1988.
- JEMNNI, Ernst e WESTERMANN, C., *Dizionario teologico dell'Antico Testamento*. Casale Monferrato, Marietti, 1982.
- KLIPPENBERG, Hans G., *Religião e formação de classes na antiga Judéia*. São Paulo, Paulinas, 1988.
- PICKEL, D. Bento José, *Os Salmos*. São Paulo, Tip. Benedetina, 1947.
- PORTO, Humberto, *Liturgia judáica e liturgia cristã*, São Paulo, Paulinas, 1977.
- RAVASI, Gianfranco, *Il libro dei Salmi*. vol. 3. Bologna, Dehoniane, 1985.
- ZAMAGNA, Domingo, *O salmo 132*. Em ESTUDOS BÍBLICOS n. 23. Petrópolis, Vozes-Metodista-Sinodal, 1989.

*Nancy Cardoso Pereira  
Professora de Estudos Bíblicos  
Instituto Teológico São Paulo*

*Paulo Parisi, aluno ITESP*

*Ailton Ferreira de Almeida, aluno ITESP*